

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Comércio

Class.: 34

Data: 03/03/89

Pg.: _____

190

O Brasil amazônico

A. de Lyra Tavares

No grande espetáculo, cuidadosamente organizado em Altamira, com a concentração de índios do Xingu, ainda existentes naquelas paragens da Amazônia, cujo progresso depende, basicamente, da construção de uma hidrelétrica, para que a civilização possa beneficiá-la, tornou-se bem clara a arregimentação de interesses internacionais contrariados, valendo-se, até mesmo, da presença do roqueiro Sting e apoiada num poderoso aparelhamento de divulgação pelo mundo, utilizando-se dos índios, premeditadamente arregimentados, para a criação de um cenário de reivindicações das tribos residuais naquelas áreas do território nacional, em nome dos direitos que lhes confere a nova Constituição Federal.

A opinião pública nacional não teve, lamentavelmente, os necessários esclarecimentos para bem compreender o de que se trata, quando estão em jogo os interesses do Brasil, abandonados, na sua Amazônia, desde a Independência, razão pela qual, a partir de 1970, o Governo brasileiro, julgando prioritário e de Segurança Nacional o problema do povoamento e da integração do extremo norte do País, promoveu a construção da rodovia transamazônica de

modo a abrir novo caminho para os fluxos migratórios nordestinos que, premidos pelas péssimas condições de vida, procuravam trabalho no Rio de Janeiro e São Paulo, cidades construídas, a bem dizer, pelo chamado "paus-de-arara", que traziam a massa da mão-de-obra.

Além dos resultados mais evidentes e notáveis desta ousada e benemérita iniciativa, adotada com firmeza, embora sem conscientizar a opinião pública para a sua importância, expondo-lhe o sistema adotado: unir João Pessoa à fronteira do Brasil-Peru, numa extensão de 5.419 km. Interligavam-se, para esse fim, as rodovias já existentes, num mesmo traçado, segundo as mesmas normas técnicas, com a finalidade básica de racionalizar o nosso crescimento demográfico, para adequá-lo às dimensões do território nacional, preenchendo adequadamente o vazio da região amazônica.

Educado, que fui, ao longo da vida, nas escolas militares e na Escola Politécnica, habituei-me, como todos os meus colegas, a estudar o mapa do Brasil, o chamado país-continente, preocupado com o desafio da ocupação daquela imensa região, sobretudo a partir do fim do ciclo da borracha e do

abandono a que ela foi relegada, por falta de povoamento.

Isso vem de longe, ao passo que os grandes Estados, hoje enriquecidos pela industrialização e a agricultura extensiva, concentravam o poder político do qual emanam as decisões que regem os destinos do Brasil, sem atentar para as grandes ameaças a que está sujeita a soberania nacional, com as vulnerabilidades a que ela se abre pelo abandono e a abertura à cobiça internacional das grandes riquezas, parcialmente já identificadas, no extremo norte do País.

O ridículo espetáculo, como espécie de comício a ser transmitido para o mundo, teve como cenário a cidade paraense de Altamira, que era, antes da rodovia transamazônica, um pequeno povoado, tendo agora a sua população quase decuplicada, com a estrutura urbana moderna, servida por um grande aeroporto, hospitais, escolas e os demais serviços públicos, graças à abertura, no governo Médici, da grande rodovia de penetração, hoje prejudicada por falta de recursos, embora eles não falem para a ferrovia Norte-Sul, uma simples prova do quanto muda, para cada Governo, a Política Nacional de Viação.

— A. de Lyra Tavares é membro da Academia Brasileira de Letras.